

## **GEOGRAFIA E FENOMENOLOGIA: UMA DISCUSSÃO DE TEORIA E MÉTODO**

GEOGRAPHY AND PHENOMENOLOGY: DISCUSSING THEORY AND METHOD

GEOGRAFÍA Y FENOMENOLOGÍA: UMA DISCUSION DE TEORIA Y MÉTODO

Rodrigo Capelle Suess  
Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal  
[rodrigo.capellesuess@gmail.com](mailto:rodrigo.capellesuess@gmail.com)

Cristina Maria Costa Leite  
Universidade de Brasília  
[criscostaleite@gmail.com](mailto:criscostaleite@gmail.com)

### **Resumo:**

O presente artigo propõe-se a discutir a relação existente entre a fenomenologia e a Geografia com intuito de identificar contribuições analíticas para uma nova leitura do espaço geográfico. Esse elo demonstra que a fenomenologia contribui com esse campo do saber ao propor uma ruptura com as “verdades” das ciências modernas ao valorizar o mundo da vida e ao abrir espaço para uma gama de estudos que consideram as intenções humanas. A pesquisa constitui-se em levantamento bibliográfico e em reflexões desenvolvidas ao longo da trajetória acadêmica e da realização da disciplina “Teoria e Método da Geografia” cursada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília. Diante disso, é propósito desse artigo contribuir para um aprofundamento teórico que permite compreender as experiências humanas construídas no espaço. Nota-se que, por meio da perspectiva fenomenológica, questões como o ser humano, o mundo vivido, a subjetividade, a experiência, o significado, os gostos e os desgostos são colocadas no centro do debate geográfico.

**Palavra-chave:** Método. Geografia. Geografia Humanista. Fenomenologia.

### **Abstract:**

The present article proposes to discuss the relationship between phenomenology and geography in order to identify analytical contributions for a new reading of the geographic space. This link shows that phenomenology contributes with this field of knowledge by propose a break with the "truths" of the modern sciences by enhance the world of life and by making room for a range of studies that consider human intentions. The research is a bibliographical survey and in reflections developed along the academic trajectory and the accomplishment of the discipline "Theory and Method of Geography" studied in the Postgraduate Program in Geography of the University of Brasília. In view of this, it is the purpose of this article to contribute for a theoretical deepening that allows to understand the human experiences constructed in the space. It is noted that, by means of phenomenological perspective, issues such as the human being, the lived world, the subjectivity, the experience, the meaning, the likes and the dislikes are at the center of the geographical debate.

**Keywords:** Method. Geography. Geography Humanist. Phenomenology.

## **Resumen:**

El presente artículo se propone discutir la relación entre la fenomenología y la geografía con el fin de identificar contribuciones analíticas para una nueva lectura del espacio geográfico. Este enlace muestra que la fenomenología contribuye a este campo del conocimiento para proponer una ruptura con las "verdades" de las ciencias modernas al valorar el mundo de la vida y al abrir espacio para una gama de estudios que consideren las intenciones humanas. La investigación se constituye en levantamiento bibliográfico y en reflexiones desarrolladas a lo largo de la trayectoria académica y de la realización de la disciplina "Teoría y Método de la Geografía" cursada en el Programa de Postgrado en Geografía de la Universidad de Brasilia. Por eso, es propósito de este artículo contribuir a una profundización teórica que permite comprender las experiencias humanas construidas en el espacio. Se nota que, por medio de la perspectiva fenomenológica, cuestiones como el ser humano, el mundo vivido, la subjetividad, la experiencia, el significado, los gustos y los disgustos se colocan en el centro del debate geográfico.

**Palabras clave:** Método. Geografía. Geografía Humanista. Fenomenología.

## **INTRODUÇÃO**

A fenomenologia "é a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência a sua gênese psicológica e as explicações casuais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dele possam fornecer" (MERLEAU PONTY, 2011, p. 09-10). Ou seja, é um arcabouço filosófico que procura compreender as essências dos fenômenos vividos de cada indivíduo ou grupo. Além disso, a fenomenologia tem como perspectiva a crítica as "verdades" consagradas pela ciência racionalista, no qual por meio dela se pode almejar outras formas de conhecer o mundo. Deste modo, por meio do método fenomenológico, considera-se o imaginário dos sujeitos, as fantasias, as representações, as percepções, o vivido e o experimentado. Realiza-se uma leitura apurada do espaço para além do físico natural.

Nesse sentido, eis que surge a preocupação na Geografia de colocar o sujeito, seus anseios, percepções, sentimentos, experiência vivida em destaque. Assim, a aproximação da Geografia com a fenomenologia busca a valorização do ser humano e sua experiência espacial. O objetivo geral desse artigo trata-se em analisar a relação existente entre a Fenomenologia e a Geografia para compreender as relações que são tecidas no espaço geográfico.

Nesse contexto, a fenomenologia que se encontra relacionada com a Geografia é um tanto complexa como confusa. Muitos estudiosos tentaram fazer essa aproximação embora nem todos tenham conseguido sucesso e uma continuidade em suas reflexões. A perspectiva humanista e a perspectiva cultural podem ser consideradas as pioneiras na Geografia e as responsáveis, em especial essa primeira, por uma abordagem mais transparente e sistemática do desse arcabouço filosófico na atualidade no Brasil e pelo desenvolvimento de uma pós-fenomenologia em nível mundial.

A metodologia utilizada para a constituição deste trabalho constitui-se em levantamento bibliográfico, acrescido de reflexões desenvolvidas ao longo da trajetória acadêmica e da realização da disciplina "Teoria e Método da Geografia", ministrada pela professora Nelba Penna no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade de Brasília em 2015.

Para facilitar a compreensão dividimos este trabalho em três momentos: o primeiro, destacou-se questões implicadas ao método, o expondo como caminho de reflexão; o segundo, foi abordado questões

atinente a fenomenologia, onde foi realizado um breve histórico sobre esse arcabouço filosófico e suas principais características; o terceiro, abordou-se a relação da Geografia com a fenomenologia e suas implicações para análise do espaço geográfico.

Assim, a justificativa para a realização dessa reflexão está vinculada a valorização do ser humano, das suas vivências, das experiências, da subjetividade e do mundo vivido que por muitos geógrafos são desconsiderados em suas análises.

## **MÉTODO: visão de mundo**

Os instrumentos intelectuais são relevantes para que o investigador possa ter uma apreensão da realidade objetiva que o cerca. A ciência necessita desses instrumentos para chegar ao conhecimento mais sistematizado e elaborado. Nesse sentido, as ciências sociais não escapam dessa lógica. Discussões filosóficas que dominam a teoria do conhecimento, o método, a lógica e uma análise do movimento histórico são essenciais para debatermos a ciência hoje e sempre. Na ciência geográfica se faz necessário um aprofundamento teórico a respeito do método, tendo em vista, a realização de uma Geografia mais científica. O método faz parte da ciência, é a consciência do imenso conteúdo da vida, da experiência, do pensamento. "É o conteúdo [...] que se reflete na forma e se 'reflexiona' no pensamento" (p. 117). Para Sposito (2004, p. 55) "o método não existe como uma entidade simples e desconectada da realidade científica".

O método é apontado como caminho para reflexão, sendo que, na ciência geográfica é ele que permitirá pensar a produção do espaço de forma coesa e coerente. Um mesmo objeto a ser analisado poderá assumir diversas reflexões, diversos caminhos, a depender do método utilizado. A partir do método a Geografia, como as demais ciências, se posiciona diante das suas abordagens em relação ao modo de pensar a produção da espacialidade.

O conhecimento é um fato, ele é concreto, prático, apreensível desde a realidade mais imediata. Todo conhecimento impõe problemas, dessa maneira, o exame do problema do conhecimento implica uma teoria do conhecimento e uma história do conhecimento que envolve a história das ciências, dos métodos, das formas, dos instrumentos gerais e da história social das ideias (LEFEBVRE, 1991).

Nesse sentido, refletir sobre o método enquanto caminho da Geografia permite compreendê-la, nas abordagens filosófica, social e científica. Portanto, ter a noção que o método é um caminho através do qual podemos fazer a interpretação e reflexão acerca de alguma problemática faz com que a ciência tenha mais legitimidade em suas teorizações. Sendo assim, o método refletido nesse trabalho foi a Fenomenologia.

## **FENOMENOLOGIA**

Ao fazer um breve histórico sobre esse método, podemos dizer que o trabalho Investigações lógicas que aparece publicado em duas partes, uma em 1900 e outra em 1901, por Edmund Husserl (1859-1938),

inaugura o ponto de partida desse movimento. De lá para cá, se passaram mais de um século de história e houve um significativo desenvolvimento dessa perspectiva em todo mundo acadêmico, em destaque para países como Alemanha, França, Rússia, Bélgica, Espanha, Itália, Polônia, Inglaterra e Estados Unidos. Ressalva para esses dois primeiros, na Alemanha além do fundador, Martin Heidegger (1906-1976) desponta como um dos principais nomes, na França também surgiram grandes expoentes como Emmanuel Lévinas (1906-1976), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Maurice Merleau-Ponty (1907-1960) e Paul Ricoeur (1913-2005) (SOKOLOWSKI, 2012).

Nos últimos anos, como ressalta Seamon (2000), tem aumentado o expressivo de trabalhos no mundo acadêmico e profissional, tanto em termos gerais como específicos, que discutem a relação da fenomenologia com diversos campos do conhecimento, tais como antropologia, arte, educação, design ambiental, geografia, gerontologia, psicologia, filosofia, ciências sociais e ciências naturais.

Pode-se dizer que a o nascimento da fenomenologia acontece de uma tentativa de revisão fundamental e radical do conceito de ciência e de racionalidade e também da exposição existente na ciência convencional entre técnica e humanidade contemporânea. Husserl denunciava a crise de sentido e da razão da filosofia e ciência positivista causada pelo distanciamento entre o mundo-da-vida (Lebenswelt) e a ciência. Assim o seu fazer fenomenológico concentra-se em "recuperar e restaurar a ordem espontânea da vida, o sentido e a orientação da existência humana, retomando a subjetividade transcendental, expostas nas evidências pré-científicas e pré-lógicas do mundo-da-vida" (GOTO, 2013, p. 34).

Existe, de certa maneira, um exagero na afirmação que a fenomenologia consiste numa abordagem que, claramente, supervaloriza as coisas abstratas. Na verdade, ela surge como uma crítica ao fazer científico exacerbadamente concreto, bem como aquele exageradamente abstrato. Assim, a fenomenologia visa, justamente, o meio termo entre esses polos e para o alcance dessa intenção elege o mundo da vida como objeto. Schultz (1979) endossa que a fenomenologia resulta em uma nova tarefa, a de revelar as intenções de que consiste a vida social, examinando não apenas a "experiência de si próprio do eu, mas igualmente a experiência, que dela deriva, de outros eus e da sociedade" (SCHULTZ, 1979, p. 9). O mesmo defende a fenomenologia de várias crenças, entre elas, que a mesma seria anticientífica, não baseada em análise e descrição, mas em uma espécie de intuição sem controle ou revelação metafísica. Desse modo, considera a Fenomenologia como um método filosófico de pensamento tão científico quanto qualquer outro.

Para Heidegger (1986) a fenomenologia é considerada como a ciência dos fenômenos, cuja análise se efetua por meio de dois componentes: o fenômeno e o logos. O fenômeno é oposto ao encobrimento e apresenta várias facetas: mostrar-se, o que se mostra, o que se revela, trazer para a luz do dia, por no claro, o que se mostra em si mesmo; embora seja um pressuposto, não deve ser confundido com manifestação, pois "fenômenos nunca são manifestações, toda manifestação é que depende de um fenômeno" (HEIDEGGER, 1986, p.59). O logos, por sua vez, contém em suas múltiplas interpretações o discurso, a razão, o juízo, o conceito, a definição, o fundamento, a relação, a proporção. Assim, a fenomenologia intenta "deixar e fazer ver por si mesmo aquilo que se mostra, tal como se mostra a partir de si mesmo" (op cit., p.68) . Dessa maneira, a ciência dos fenômenos significa "apreender os objetos de tal maneira que se deve tratar de tudo,

que está em discussão, numa demonstração e procedimento diretos" (op. cit., p. 68). Esse contexto evidencia que "o sentido metódico da descrição fenomenológico é interpretação" (Heidegger, 1986, p. 68) e "a compreensão da fenomenologia depende unicamente de se apreendê-la como possibilidade" (Heidegger, 1986, p. 70).

"Central to the phenomenological approach is the assumption that people and world are intimately related in a way whereby each makes and reflects the other " (SEAMON, 1994, s. p). Para o autor (1994), as pessoas não agem sobre o mundo em relação a um objeto, mas, em vez disso, esses sujeitos estão experienciando os seres cujas ações, comportamentos e entendimentos, continuamente, pressupõem e sobressai em um mundo que é apoiado por uma reflexão desses.

Segundo Merleau-Ponty (2011):

A fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: as essências da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 1-2).

Nessa conjuntura, esse método procura encontrar nas aparências, facilmente detectadas na experiência e no mundo vivido das pessoas, definir as essências. Uma filosofia que caça nas coisas as essências na existência. Desse modo, suspende a realidade, fato conhecido como *époche* ou redução fenomenológica - de maneira a eliminar todas as afirmações, conceitos e preconceitos a respeito do mundo - para ver o mundo assim como ele é, dando-lhe um estatuto filosófico.

De acordo com Goto (2013), Husserl vai chamar esse método descritivo de procedimento fenomenológico, no qual o retorno "às coisas mesmas" é princípio fundamental. Esse resgate nos dirige a atenção diretamente ao fenômeno, isto é, ao aparente, a tudo aquilo que aparece imediatamente à consciência. "Consiste aqui no retornar ao mundo prévio às teorizações, a um mundo que é vivo, originário e de onde parte toda posterior idealização científica" (GOTO, 2013, p. 41).

O objetivo final de Husserl foi a criação de uma Filosofia sem pressuposições, que tem como ponto inicial irreduzível às experiências do ser humano consciente, "que vive e age em um 'mundo' que ele percebe e interpreta e que faz sentido para ele" (SCHULTZ, 1979, p. 7). Para isso, "seu primeiro passo é eliminar todas as noções preconcebidas com relação à natureza última desses objetos e dessa realidade de que se ocupa a consciência humana" (p.7).

[...] retornar "às coisas mesmas" é antes de tudo a desaprovação da ciência. [...] Tudo aqui que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance [...] Retornar às coisas

mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa, e dependente, como a geografia em relação à paisagem - primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3-4).

O retorno "às coisas mesmas" é uma tentativa de despir o objeto de toda a roupagem que não é de sua essência, todas as formulações e teorizações que a ciência o atribuiu, portanto, se constitui em voltar o que o objeto é. Para tal, devemos afastar da teoria, pois "é apenas uma consequência, uma correção tardia e ineficaz do empirismo", uma vez que a mesma "esconde os fenômenos em lugar de levar a compreendê-los" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 46)

Por esse modo, buscar a essência do mundo é buscar o que de fato o que ele é, e não aquilo que se constitui enquanto ideia, essa é uma necessidade antes de qualquer tematização. "O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável" (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 14). Em defesa da fenomenologia de diversas críticas Merleau-Ponty reverbera que:

O inacabamento da fenomenologia e o seu andar incoativo não são o signo de um fracasso, eles eram inevitáveis porque a fenomenologia tem como tarefa relevar o mistério do mundo e o mistério da razão. Se a fenomenologia foi um movimento antes de ser uma doutrina ou um sistema, isso não é nem acaso ou impostura. Ela é laboriosa como a obra de Balzac, de Proust, de Valéry ou de Cézanne - pelo mesmo gênero de atenção e de admiração, pela mesma exigência de consciência, pela mesma vontade de apreender o sentido do mundo ou da história em estado nascente. Ela se confunde, sob esse aspecto, com o esforço do pensamento moderno (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 20).

Assim, essa filosofia permanece sempre em construção, igualmente, como nossas vidas, o conhecimento, o homem e o seu mundo, não faz sentido a declarar como pronta, se o fizesse estaríamos negando os esforços do pensamento moderno. Na próxima subseção o esforço é de identificar algumas noções importantes que contribuem para melhor compreendermos esse arcabouço filosófico.

### *Noções importantes em Fenomenologia*

Algumas ideias são substanciais para o entendimento da fenomenologia, entre elas a atitude fenomenológica, atitude natural, intuição eidética, intencionalidade, intersubjetividade, munda-da-vida (*Lebenswelt*) e *dwelling*.

Uma das noções básicas para a sua compreensão é a distinção da atitude natural e da atitude fenomenológica. Essa primeira, pode-se dizer que é uma atitude padrão, aquela que estamos imersos originalmente e de onde partimos, "é o foco que temos quando estamos imersos em nossa postura original, orientada para o mundo, quando intencionamos coisas, situações, fatos e quaisquer outros tipos de objetos" (SOKOLOWSKI, 2012, p. 51). Já a segunda, também conhecida como atitude transcendental, "por outro lado, é o foco que temos quando refletimos sobre a atitude natural e todas as intencionalidades que ocorrem

dentro dela" (SOKOLOWSKI, 2012, p. 51). Quando ocorre a passagem de uma atitude natural para uma atitude fenomenológica estamos sempre levantando a questão do ser.

Quando desejamos chegar à essência de algo ou alguma coisa temos que recorrer a intuição eidética, que na verdade, trata-se da intuição de uma essência. Para chegar a esse esforço não é algo fácil, requer um grande empenho de imaginação, é preciso ter uma imaginação criativa, como explica Sokolowski (2012). Desse modo, devemos "estar apto a tentar imaginar o impossível, e ver que é impossível e que, além do mais, não pode ser pensado, demanda que sejamos capazes de ir além das coisas a que estamos acostumados, das coisas que temos regularmente experienciado" (SOKOLOWSKI, 2012, p. 191-192).

Outra ideia chave da fenomenologia é a de intencionalidade. Tal termo, "significa a atividade de dar conta, fornecendo um *logos*, de vários fenômenos, dos vários modos em que as coisas podem aparecer" (p. 22). "Na fenomenologia, 'intenção' significa a relação de consciência que nós temos com um objeto" (p.18). Assim, esse termo se constitui em um ensinamento nuclear em fenomenologia, já que se entende que cada ato de consciência e experiência que se realiza é intencional, ou seja, uma vez que nossa consciência está voltada a objetos, é fundamentalmente "consciência de" ou "experiência de" algo ou de outrem. Por isso, entender a palavra nos remete a relacioná-la com a teoria do conhecimento, intenções mentais e não práticas (SOKOLOWSKI, 2012).

Existem estruturas de significados que condizem com a de vários indivíduos, isso permite que o mundo não seja apenas o "mundo-para-mim", mas também "o mesmo mundo-para-os-outros" (DE PAULA, 2010, p. 49). Quando falamos desse mundo para os outros, dividido e compartilhado com os demais, estamos pensando em um dos pontos fundamentais da fenomenologia, a intersubjetividade. Intersubjetividade e mundo da vida estão inter-relacionados.

Segundo Goto (2013, p. 41) a experiência pré-científica é originária do mundo da vida, esse último origina também "a experiência não-teórica, mais originária, evidente e universal que implica a experiência mesma da subjetividade". Para Buttimer (1982) dois aspectos fundamentais do mundo vivido são lembrados pelos fenomenologistas, o caráter físico (tempo-espço) e sua natureza social (intersubjetiva). A noção de mundo da vida, talvez, seja uma das mais importantes da fenomenologia. Visto que é por meio do mundo da vida que se propõe um novo termo que não é exageradamente concreto e objetivo, e nem exageradamente abstrato e subjetivo, ele é justamente o ponto mediano entre esses polos, portanto, um desejo e uma proposta de um novo fazer científico.

Segundo Buttimer (1982, p. 99) a ideia de *dwelling*, proposta principalmente por Heidegger, "refere-se ao viver harmoniosamente no lugar ou sentir-se em casa, tanto social, ecológica como espiritualmente". Essa noção está intimamente ligada com a ideia de habitar. Para Heidegger (1951) o habitar é o traço fundamental do ser-homem. Todo habitar envolve um construir, e esse tem como fim, o habitar como meta. Dessa forma, o habitar seria, em todo caso, o fim que se leva a todo construir.

Assim, o habitar se define como modo que os mortais são e estão sobre a terra, constituindo-se no traço fundamental do ser-homem. O habitar tem como traço fundamental o resguardar. Em termos gerais, os mortais habitam resguardando a quadratura (terra e céu, mortais e imortais) em sua essência (HEIDEGGER,

1951). Visto isso, identificaremos na próxima seção três características-chaves do método fenomenológico como um empirismo radical.

### *Características-chaves do método fenomenológico como um empirismo radical*

Seamon (2000) destaca a fenomenologia como um estilo de investigação qualitativa que envolve fundação conceitual e metodológica particular. Ao mesmo tempo identifica dois pressupostos que marcam essa abordagem: pessoa e mundo como intimamente ligados e um empirismo radical. Dessa maneira, levanta-se algumas características-chaves do método fenomenológico como um empirismo radical<sup>1</sup>:

Primeiramente, **o estudo deve envolver contato direto do pesquisador com o fenômeno**. O investigador deve descobrir formas de encontrar a experiência relatada pela pessoa ou grupos envolvidos de maneira mais direta possível, desvelando assim, possibilidades metodológicas que o permite participar da experiência. Além da relação direta com a experiência, a realização de entrevistas em profundidade e uma cuidadosa descrição e observação que envolva a experiência e o fenômeno se constitui em uma dessas possibilidades. Já se o fenômeno se tratar de um "texto artefactual", como é o caso da literatura, fotografia, poesia, música e fotografias, deve-se descobrir maneiras de se aprofundar no texto, buscando torná-lo o mais familiar possível. O pesquisador deve estar disposto a retornar as partes dos textos quantas vezes forem necessárias.

Outro passo é o fenomenólogo **reconhecer que não conhece o fenômeno, mas assim enseja**. O fenômeno é visto como um campo que o pesquisador tenta desvendar e explorar. Na pesquisa fenomenológica, diferente da pesquisa positivista, não há uma noção clara do que se vai encontrar e como as revelações irão acontecer. Deve-se sempre adaptar seus métodos para a natureza e as circunstâncias do fenômeno, no qual a habilidade, percepção e dedicação do pesquisador podem pressupor quaisquer procedimentos metodológicos específicos (SEAMON, 2000).

Assim sendo, **o pesquisador como instrumento humano torna-se o core do método fenomenológico e todos os métodos de investigação específicos devem ir ao encontro de retratar a experiência humana em termos experienciais**. "The best phenomenological methods, therefore, are those that allow human experience to arise in a rich, unstructured, multidimensional way<sup>2</sup>" (SEAMON, 2000, p. 164).

Como Nogué I Font (1985), Seamon (2000) concorda que a entrevista seja uma das melhores formas de relatar o fenômeno, se constituindo em um dos principais procedimentos metodológicos de uma pesquisa

---

<sup>1</sup> O autor (2000) dá um sentido muito diferente para o empirismo do que já visto na ciência pelos positivistas. O empirismo liga-se a uma forma de estudo do qual o pesquisador procura ser aberto ao fenômeno e a sua compreensão em plenitude, implicando um envolvimento direto com o mesmo. O empirismo ganha o sufixo radical tendo em vista que o conhecimento surge diretamente da sensibilidade e consciência pessoal do pesquisador em vez de construções intelectuais de segunda mão como utilizado na ciência convencional.

<sup>2</sup> O melhor método fenomenológico, portanto, são aqueles que permitem a experiência humana a surgir de uma forma rica, não estruturada, multidimensional (SEAMON, 2000, p. 164, Tradução Nossa).

fenomenológica. Não basta apenas eleger a entrevista como procedimento, como realça Nogué I Font (1985, p. 71), "l'entrevista, doncs, ha de ser, d'entrada, informal, tan espontània com sigui possible, sense limitació de temps ni de temes, al ritme de l'entrevistat i sempre, si es pot, en el seu propi medi, voltat del paisatge que normalment contempla<sup>3</sup>". O pesquisador, igualmente, deve estar aberto aos entrevistados, adaptar as questões de acordo com os comentários dos mesmos, observar tom e interesse, somente assim, a compreensão do fenômeno poderá ser aguçada pelo pesquisador (SEAMON, 2009).

De modo geral, o método fenomenológico incorpora uma relativa incerteza e espontaneidade o que deve ser aceito e transformado em possibilidade. Envolve uma forma criativa, permite uma fluidez de métodos e processos de pesquisa (SEAMON, 2000). Existem ainda três estruturas lógicas que são comumente adotados pelos fenomenologistas, o esforço agora é de identificá-las.

### *As três estruturas lógicas da fenomenologia*

Para Sokolowski (2012) sempre que almejarmos aprofundar um problema fenomenológico, devemos indagar algumas questões, tais como, o que são as **partes e os todos** (1), **as identidades na multiplicidade** (2) e as misturas de **ausências e presenças** (3) que estão em funcionamento no assunto em questão. Dessa forma essas três estruturas apresentadas se constituem em estruturas básicas que aparecem com frequência nas análises fenomenológicas. Como bem lembrado pelo autor (2012) essas estruturas estão inter-relacionadas, mas não significa dizer que uma pode se reduzir à outra.

Sokolowski (2012) considera que a descoberta das partes e dos todos é a chave para o entendimento humano e filosófico. O próprio ato de pensar sobre alguma coisa, extravasa a simples sensibilidade, envolve partes e todos dentro dele, se constituindo em um conteúdo do mesmo. As totalidades podem ser avaliadas em tipos diferentes de partes, os pedaços e os momentos. Essa primeira, também conhecida como partes independentes, podem ter suas existências separadas ou apresentadas independentes de seus todos. Já os momentos não podem ser apresentados separados do todo o qual pertencem, não possuem autonomia própria, não podem ser apresentadas por si mesmas, portanto, são chamados de partes dependentes. Um exemplo de pedaços são as folhas que podem ser apresentadas independentes de seu todo que é a árvore, agora as cores não podem ser apresentadas separadas de alguma superfície ou expansão espacial, destarte, são exemplos de momentos.

O pesquisador (2012) acrescenta ainda outras prescrições terminológicas para compreendermos essa discussão, o *concretum* e *abstrata*. O *concretum* é algo que pode existir, ser experienciado e apresentar a si próprio como um indivíduo concreto. Em relação as partes e o todo, podemos dizer que um todo pode ser chamado, a parte pode vir a ser, e o momento não pode vir a ser identificado como *concretum*. Esse último

---

<sup>3</sup> A entrevista, portanto, deve ser de entrada, informal, tão espontânea quanto possível, sem limitação de tempo ou temas, ao ritmo do entrevistado e sempre, se possível, em seu próprio ambiente, cercado da paisagem que normalmente contempla (NOGUÉ I FONT, 1985, p. 71, Tradução Nossa).

quando considerado isoladamente pode ser intitulado como *abstracta*. Pois não possui concretude, e podendo apenas ser pensado abstratamente por meio da linguagem.

Sobre as identidades em multiplicidade, a identidade não é meramente a multiplicidade de suas manifestações, pois transcende e vai além. "A identidade da coisa não existe só para nós, mas também para os outros, e, portanto, ela é uma identidade mais profunda e mais rica para nós" (SOKOLOWSKI, 2012, p. 41). Ainda a respeito:

Cada multiplicidade é diferente, cada uma é adequada à sua identidade, e as identidades são diferentes em qualidade. "Multiplicidade de manifestação" e "identidade" são termos análogos. Quando introduzimos a presença de outras pessoas, quando incluímos a dimensão da intersubjetividade, uma muito mais rica estrutura de multiplicidade entra em jogo (SOKOLOWSKI, 2012, p. 40).

Para compreendermos tal questão, o autor dá o exemplo da capacidade de perceber um texto, que pode ser claramente melhor compreendido por um outro do que por nós. Dessa forma, podemos perceber que a identidade e a multiplicidade compreendidas por um indivíduo ou grupo podem ser mais obscuras e confusas ou mais claras e evidentes do que seriam por outro. Isto é, as pessoas podem ter uma compreensão diferente entre si do mesmo Fenômeno.

As presenças e ausências são temas completamente originais na fenomenologia. "Presença e ausência são os correlatos objetivos para intenções cheias e vazias" (p. 42). Existe uma correlação entre elas, enquanto uma intenção cheia pressupõe "algo que está aí", em uma presença física, a intenção vazia tem como alvo "algo que não está aí", assim implica algo ausente, não presente para quem intenciona. Desse modo, a fenomenologia visa demonstrar que as coisas são dadas numa combinação entre presenças e ausências, ausências cheias e vazias, do mesmo modo como são dadas numa multiplicidades de manifestações (SOKOLOWSKI, 2012)

Enquanto a ausência é comumente negligenciada e evadida na filosofia, as presenças parecem ser mais familiares, visto a facilidade de identificação. São diferentes tipos de ausências que rodeiam a condição humana, sejam elas por serem futuras, contemporâneas e distantes, escondidas, esquecidas, secretas ou por estarem a frente de nossa compreensão. De tal modo, "as ausências chegam em muitas cores e sabores, e é uma grande tarefa filosófica diferenciá-las e descrevê-las" (SOKOLOWSKI, 2012, p. 46).

Na Geografia, um dos poucos autores que consegue reunir essas três questões estruturais da fenomenológica com os estudos geográficos é Nogué i Font (2011). Para o autor "la investigación geográfica debe ser capaz de 'mirar más allá', de no fiarse de las apariencias, de no confundir lo visible con lo real. No debe tener miedo a volar, a usar la imaginación, a formular atrevidas hipótesis, a servirse incluso de la emoción, si ello es preciso"<sup>4</sup> (NOGUÉ I FONT, 2011, p. 10). O autor acredita ainda que devemos aprender a olhar o que não se vê.

---

<sup>4</sup> A investigação geográfica deve ser capaz de "olha mais além", para não depender das aparências, para não confundir o visível com o real. Não deve ter medo para voar, para usar a imaginação, para formular hipóteses ousadas, para servir até mesmo a emoção, se for preciso (NOGUÉ I FONT, 2011, p. 10, Tradução Nossa).

Como visto, a fenomenologia possui características próprias que implicam em um modo próprio de fazer pesquisa. A mesma também possui formas específicas, fato que exploramos na próxima subseção.

### *Formas específicas de pesquisa fenomenológica*

Muitos autores vêm trabalhando para identificar formas específicas de pesquisa fenomenológica. Para Buttimer (1982, p. 169) "a variedade de descrições reflete as diferenças fundamentais entre os próprios fenomenologistas e a fluidez de seus limites com outros campos". A mesma autora (1982) identifica três posições que são evidentes para esses estudiosos, a "fenomenologia pura" ou "trancendental" de Husserl, a fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, Marcel e Schutz, e a fenomenologia hermenêutica de Ricoeur.

De acordo com Seamon (2000) esse esforço de identificação tem sido mostrado mais claramente pelos psicólogos associados a chamada "'Duquesne School of Phenomenological Psychology". Tendo como base essa escola, o autor discute a abordagem existencial e hermenêutica, e uma terceira a qual ele chama de "first-person", em livre tradução, primeira pessoa.

Na investigação fenomenológica-existencial, a base de generalização, como ressalta Von Eckartsberg (1998), são as experiências de pessoas ou grupos específicos envolvidos em situações e lugares reais. Quando nós como pesquisadores permanecemos abertos, estudamos cuidadosamente e consideramos coletivamente os relatos descritivos individuais, os mesmos podem revelar essências e significados do tema estudado. Deve-se lembrar que, a preocupação pessoal e o envolvimento do pesquisador podem motivar o entrevistado a fornecer as descrições mais completas e precisas (SHERTOCK, 1998, p.162).

Ainda sobre essa abordagem, Seamon (2000) expõe que diferentemente da pesquisa positivista, a perspectiva considera que alguns participantes podem contribuir mais do que outros, tendo em vista uma situação particular em relação ao fenômeno estudado ou por se mostrarem mais perceptivos. De tal modo, os "sujeitos" são chamados de "co-pesquisadores" uma vez que o entendimento generalizado é o resultado das sensibilidades tanto do entrevistado como do pesquisador (SEAMON, 2000).

Em outra oportunidade, Seamon (2007) destaca três temas importantes na pesquisa fenomenológica-existencial. A compreensão fundamentada na experiência do mundo real; pessoas imersas no mundo e descrição, e compreensão do mundo da vida.

Na segunda abordagem, a hermenêutica, que é tanto uma teoria como uma prática de interpretação, em especial de textos, soma-se com a fenomenologia, constituindo uma perspectiva que é chamada de fenomenológica-hermenêutica. A questão-chave é que, hermeneuticamente, o autor de um texto, diário pessoal, poema, canção, pintura, documento, escultura e entre outras formas de expressão, não está normalmente disponível para comentar e tirar dúvidas de sua obra e os significados envolvidos. De tal modo, o pesquisador tem que encontrar maneiras de descobrir esses significados através da própria obra (SEAMON, 2000).

Na investigação fenomenológica em primeira pessoa, o pesquisador utiliza a sua própria experiência do fenômeno, em primeira mão, como uma base para examinar características e qualidades específicas, sendo assim, ela oferece clareza e discernimento fundamentados no próprio mundo vivido do investigador. Contudo, apesar dessa experiência ser fruto de uma pessoa, o investigador deve encontrar maneiras de envolver o mundo dos outros (SEAMON, 2000).

Em síntese, para Seamon (2000), o que vai definir a escolha dos procedimentos e ferramentas específicas de inquérito são o estilo do pesquisador e a natureza específica do fenômeno. Após esse pequeno esforço de compreender a fenomenologia em termos filosóficos e de pesquisa, vislumbramos fazer algumas aproximações com a nossa área de atuação, qual seja, a Geografia.

## **GEOGRAFIA E FENOMENOLOGIA**

A fenomenologia oferece os instrumentos necessários para a Geografia explorar algumas condições e forças unificadoras da experiência humana no mundo. Condições e forças que são facilmente percebidas e encontradas no mundo vivido das pessoas, pois, esse método empenha-se em desbravar os meandros dos significados e da qualidade de vida dos homens no meio (BUTTIMER, 1982). Esse fator permite um bom diálogo entre esse arcabouço teórico e essa ciência.

Paassen (1957, p. 21) *apud* Relph (1976, p. 4) vislumbra que ciência geográfica tem realmente uma base fenomenológica, o que significa que ela deriva de uma consciência geográfica. Ao geógrafo desenvolver essa consciência ele torna a sociedade mais conscientes da geografia, ao lado que, igualmente, depende da existência de uma consciência geográfica natural e pré-científica.

O geógrafo Relph (1976) vê na fenomenologia um método filosófico que enfatiza a descrição do mundo cotidiano do homem, atribuindo valor a cada ação, lembrança, fantasia e percepção, o que permitiu reforçar o papel desse instrumento na interpretação de significados e símbolos construídos no espaço. Seamon (2000) considera a fenomenologia em termos mais simples como o estudo interpretativo da experiência. O objetivo da mesma, seria examinar e esclarecer as situações humanas, eventos, significados e experiências.

"Holzer concorda que foi com a fenomenologia e o método fenomenológico que a geografia passou a abordar rigorosamente os aspectos subjetivos da espacialidade" (GOTO, 2013, p. 44). Como confia Marandola Jr. (2003), o ponto primordial que liga esse instrumento ao estudo geográfico é a sua forma de considerar a relação homem-meio.

"A fenomenologia vem sendo utilizada [na Geografia], pelo menos desde a década de 1920" (HOLZER, 2010a, p. 37). O termo tem sido utilizado apenas em algumas ocasiões antes da sua incorporação na Geografia humanista e, nessas ocasiões (Sauer, Van Passen, Berry) pouca atenção foi dada a elaboração de seu significado (ENTRIKIN, 1976).

Sauer (2012 [1925], p. 182) concorda que toda ciência possa ser considerada como fenomenologia, "todo o campo de conhecimento é caracterizado por sua preocupação explícita com certo grupo de

fenômenos que ele se dedica a identificar e ordenar de acordo com suas relações". O geógrafo levanta a "necessidade de modos predeterminados de questionamento e de criação de um sistema que esclareça as relações dos fenômenos". Para o mesmo a primeira preocupação "é com os fenômenos que constituem a 'seção da realidade' que geografia considera". Embora tenha sido uma abordagem pouco precisa, esse autor é um pioneiro nessa abordagem em Geografia.

A obra de Eric Dardel, *L'homme et la terre* original de 1952 (DARDEL, 2011), é considerada por muitos geógrafos como a primeira obra verdadeiramente fenomenológica na Geografia. Para Dardel a geografia seria, inicialmente, uma experiência profunda e imediata do mundo que está preenchido com significado (RELPH, 1976, p. 5). "Embora resgatado do esquecimento absoluto nos anos 1990, sua contribuição à ontologia ainda é muito marginalmente utilizada na Geografia" (MARANDOLA JR., 2012, p. 82). Também como menciona Holzer (2010b, p.1), "quando os franceses se deram conta da importância e da riqueza da obra de Dardel para a renovação da geografia [...] já se haviam passado vinte anos desde a primeira citação de seu livro por geógrafos norte-americanos".

Pode-se dizer que a Geografia humanista e mais adiante a Nova Geografia Cultural (embora com menos ênfase), ajudam a incorporar e dá uma continuidade nos estudos que envolvam a fenomenologia em Geografia. Entrikin (1976) menciona que a publicação de artigos de Relph e Tuan na revista "The Canadian Geographer" inaugura de fato o termo "fenomenologia" na perspectiva humanista. Além disso, para o autor, desde então, tem-se sugerido a aplicação de uma abordagem fenomenológica para os estudos da Geografia.

Mesmo assim, para Marandola Jr. (2013) a Geografia humanista não se aprofundou ao ponto de edificar uma geografia fenomenológica. Um dos motivos para tal, talvez fosse que, autores como Entrikin (1976), Buttimer (1982 [1976]) e Tuan (1976), segundo Marandola Jr. (2013, p. 53), consideravam a fenomenologia mais útil como "orientação", "postura" e que "ela teria limites muito claros, especialmente para a operacionalização de pesquisas empíricas".

Como propõe Goto (2013, p. 44), necessita-se constituir uma nova geografia, que seja capaz de retomar o sentido da humanidade através de um saber geográfico unificado. Esse projeto pode ser denominado de Geografia fenomenológica ou eidética "cujo intuito está na recondução da reflexão aos princípios da realidade humana subjetiva-objetiva".

O artigo *Contemporary Humanism in Geography* de Nicholas Entrikin, publicado em 1976, foi um dos primeiros a discutir Geografia humanista e fenomenologia (ENTRIKIN, 1976). Esse trabalho contribuiu para que os geógrafos repensar algumas dificuldades metodológicas, contudo, acabou fomentando uma repercussão errônea de seus objetos, em vista que, criou "uma imagem parcial do que era pretendido pelos humanistas, minimizando os conceitos fenomenológicos que haviam sido apropriados pelo coletivo e reduzindo seus estudos a uma simples crítica ao positivismo" (HOLZER, 1993, p. 128).

Buttimer em *Grasping the Dynamism of Lifeworld*, original de 1976, destacou-se por ser uma das pioneiras na discussão Geografia e fenomenologia. Desse modo, ressaltam-se algumas preciosas considerações e reflexões feitas pela autora (BUTTIMER, 1982 [1976]):

- O mundo da vida diária (Lebenswelt) oferece um ponto de partida para o diálogo entre fenomenologia e Geografia. "Poderíamos também nos sensibilizar para a singularidade das pessoas e dos lugares" (p. 191);
- "A fenomenologia desafia cada indivíduo a examinar sua própria experiência, a torna-se sujeito mais do que objeto de pesquisa e, então procurar por denominadores comuns na experiência dos outros" (p. 185);
- Carecemos de uma linguagem e de um conjunto de categorias que viabilizará os geógrafos pesquisar a experiência do mundo vivido e fazer a comunicação a seu respeito. "Se ouvirmos sua mensagem fundamental, a fenomenologia irá levar-nos em direção a um sentido mais aguçado de autoconhecimento e identidade" (p. 191);- "A fenomenologia enlameia águas para os que acreditam na separação 'subjativa' e 'objetiva' dos modos de conhecimento" (p. 192);
- A fenomenologia oferece ambiguidade mais do que clareza em vários pontos importantes, a mesma não oferece procedimentos operacionais claros para conduzir o pesquisador empírico;
- É no âmbito da experiência que um dos fundamentos chaves da fenomenologia se manifesta mais visivelmente.
- O desafio, tanto para fenomenologistas como para geógrafos, é explorar dinâmicas da subjetividade humana e explicar as dinâmicas do "mundo" em suas inter-relações.
- "A mensagem-chave da fenomenologia para o estudante do espaço social é que muita de nossa experiência social é pré-reflexiva: é aceita como dada, reforçada através da linguagem e da rotina e, raramente, se é que acontece, tem de ser examinada ou mudada" (p. 182).
- Junto com o existencialismo "desafiam o social a questionar radicalmente o seu modo normal de conhecimento, o seu modo normal de ser no mundo e ousar aceitar a responsabilidade da liberdade" (p. 193).
- Existem muitas questões ainda não respondidas sobre o relacionamento entre a fenomenologia e a geografia, muitas são complexas;

Entre esses e outros ensinamentos da pesquisadora, fica evidente que a fenomenologia visa por em dúvida as nossas atividades como cientista, no qual essa perspectiva destaca-se mais como um preâmbulo do que uma fórmula rígida de operacionalização da pesquisa. Embora deixe claro sua opção metodológica, atribui a responsabilidade da liberdade para pesquisador decidir o rumo a ser seguido. Ao entrelaçar fenomenologia e existencialismo acredita-se que "o geógrafo pode descobrir que o mundo é a sua contribuição especial ao estudo da vida" (BUTTNER, 1982, p. 190).

Pickles (1985), assim como Buttner (1982), Relph (1976), Entrikin (1976) e outros poucos geógrafos, também encarou o desafio de relacionar diretamente a fenomenologia com a Geografia. O autor destaca que mesmo o coletivo de geógrafos não possuindo uma perspectiva ou metodologia comum, o mesmo possui algo melhor que seria "um consistente alicerce fenomenológico no campo da experiência, pelo qual a geografia formal responde" (p. 2).

A base fenomenológica da Geografia assume várias formas na literatura geográfica: "fundamentos fenomenológicos" (Relph, 1976b); "experiência imediata da vida" (Relph, 1976b, I); "consciência geográfica" (Van Paassen, 1957); "experiência geográfica" (Dardel, 1952); "cada um como geógrafo, e geografias pessoais" (Lowenthal, 1961); "mundo vivido" (Buttimer, 1976). Os interesses em relação a esses domínios são claramente explicados através daquilo a que Gregory (1978, p. 123) se refere como "o apego tradicional que a geografia tem a lugares particulares e às pessoas que aí vivem". Tais manifestações têm uma longa e respeitável tradição em nosso campo: Sauer, que vê a terra com os olhos de seus próprios habitantes; a geosofia de Wright; o "senso do espaço terrestre", de Whittlesey; o homem do Lowenthal, como "um artista e um arquiteto da paisagem, criando ordem e estruturando o espaço, o tempo e a causalidade, de acordo com nossas compreensões e predileções" (Lowenthal, 1961, p. 260). Cada um, também de algum modo, indica uma base fenomenológica particular para a compreensão geográfica (PICKLES, 1985, p. 2)

Desse modo, o geógrafo desvela uma Geografia muito mais fenomenológica do que muitos acreditam, fornecendo exemplos claros da apropriação, mesmo que incompleta, dessa filosofia e método. O papel do geógrafo seria descrever e tematizar a experiência geográfica, assumindo, simplesmente, o papel de uma "arqueologia", "por meio da qual as camadas ocultas são investigadas para revelar os produtos também escondidos da experiência geográfica cotidiana" (PICKLES, 1985, p. 3). A experiência geográfica precede a ciência geográfica, de tal modo, essa última trata-se de uma tematização da primeira. "Como arqueologia, sua principal finalidade é a restauração, a recomposição: abstração e redução são redundantes, uma vez que a experiência [geográfica] pré-existe à atenção que o cientista dedica a ela. A Tarefa do geógrafo é descrever esta experiência" (PICKLES, 1985, p.3).

Esse pesquisador (1985) menciona ainda que a interpretação da fenomenologia na história da geografia até a época em que o mesmo escreveu sua obra:

(a) limitar-se a uma atitude ligada ao mundo tal como ele é, (b) enfatizar a metodologia descritiva, e desenfatar, ou interpretar de forma diferente, a natureza da redução, do ato de "colocar entre parênteses" e da abstração usada na Fenomenologia, (c) focalizar a experiência primária da Fenomenologia como fundamento das ciências e com a constituição de seus objetos de interesse, (d) voltar-se para o mundo vivido como "objeto" de estudo e como experiência cotidiana, vivida, do mundo, e (e) começar a referir-se á tarefa da Fenomenologia como a descrição das "COISAS COMO ELAS SÃO" (PICKLES, 1985, p. 3).

No Brasil os estudos que envolviam direta e indiretamente a fenomenologia estão ligados a "chegada" e tradução dos primeiros textos do movimento da geografia humanista. O livro *Perspectivas da Geografia* de Crhistoffoleti (1982), contém artigos de Tuan (1982), Buttimer (1982) e Lowenthal (1982), além dos artigos traduzidos de Entrikin (1980) e Relph (1979), é uma obra significativa para os primeiros passos da geografia humanista brasileira, como para uma "pré-história", se assim podemos dizer, de uma geografia fenomenológica brasileira. Os livros de Tuan (2012, 2013) traduzidos por Lívia de Oliveira na década de 1980, embora não façam nenhuma menção direta ao termo "fenomenologia", também são importantes. Como levanta Marandola Jr. (2013), contávamos com trabalhos significativos, a termo de menção os de Werther Holzer (HOLZER, 1992; 1998), João Batista Ferreira de Mello (MELLO, 1991;

2000), Solange Terezinha de Lima (LIMA, 1996), Armando Correia da Silva (SILVA, 1986), e de Oswaldo Bueno Amorim Filho (AMORIM FILHO, 1987, 1999).

Porém, como explica Marandola Jr. (2013) a fenomenologia despontava como algo pontual e marginalmente referenciada nos trabalhos dos geógrafos, não despontando forças e preocupações de consolidação de uma imagem que vinculasse Geografia e fenomenologia no Brasil. No entanto, "a abordagem fenomenológica em geografia consolidou-se nos últimos anos na geografia brasileira, em especial a partir dos anos 2000, como uma das vertentes do horizonte humanista ou cultural" (MARANDOLA JR., 2013, p. 49).

O que contribuiu para esse esforço, sem dúvidas, foi a renovação cultural que ocorreu na década de 1990 liderado por Zeny Rosendahl e Roberto Lobato Corrêa. Os mesmos consolidaram o Núcleo de Estudos sobre Espaço e Cultura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Esse grupo, por meio das suas publicações e simpósios, aproximou epistemologicamente de alguns autores supracitados, em especial de Werther Holzer e João Baptista Ferreira de Mello. "Neste espaço aberto, o projeto de uma geografia fenomenológica no Brasil é retomado e passa a ter visibilidade suficiente tanto para atrair novos interessados" (MARANDOLA, 2013, p. 55).

Vários grupos foram solidificados nos anos 2000 e contribuíram e vêm contribuindo para uma geografia mais fenomenológica. Entre eles o Ghum - Grupo de Pesquisas Geografia Humanista Cultural (UFF), sob coordenação de Wether Holzer; Nomear - Grupo de Pesquisa Geografia e Fenomenologia (Unicamp), sob coord. de Eduardo Marandola; Café com Leitura - Grupo de Estudos em Geografia, Fenomenologia, Humanismo, Geopoética e Educação (UEL), sob coord. de Lúcia Gratão e Jeani Mouro e Marandola Jr.; NeghaRio - Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do Rio de Janeiro (UERJ), sob coord. de João Baptista de Mello; Npgeoh - Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista sob coord. Virgínia Palhares. "O termo fenomenologia, anteriormente não representativo deste coletivo no Brasil, hoje o é" (MARANDOLA JR. 2013, p. 56).

No cenário internacional, a retomada do projeto fenomenológico que diferentemente do Brasil que começou no início dos anos 1990, se desenvolve apenas nos anos 2000 já ligado a os movimentos da pós-fenomenologia e do pós-estruturalismo (MARANDOLA JR., 2013).

Marandola Jr (2013) acredita em um futuro que o papel da fenomenologia transcenda o de uma corrente ou subcorrente, contribuindo para uma geografia que ajude a compreender o mundo contemporâneo. "Nesse futuro, a fenomenologia parece ocupar um outro 'lugar' no mapa da geografia contemporânea, tanto brasileira quanto internacional" (p. 59). Esse autor reafirma ainda que essa filosofia se encontra em um cenário em expansão e que apresenta possibilidades mil de investigação e aprofundamento, "mostra-se pertinente e vigoroso para compreender as transformações na intimidade, na corporeidade e nas relações espaciais e sociais, bem como nas novas possibilidades de experiências espaciais que se descortinam diariamente" (MARANDOLA JR. 2013, p. 59).

Selando, em termos gerais, fenomenologia e Geografia, Holzer (2011, p. 113) discorre que "o mundo geográfico só é autenticamente acessível a partir do nível da experiência vivida, em que o terrestre e o

humano se ajustam a uma medida original". De tal modo, por meio do retorno "às coisas mesmas" podemos conhecer o espaço geográfico e a relação visceral do homem com esse. Sabemos que toda essa discussão sintetiza em uma aplicação prática e teórica na ciência geográfica, como essa se orienta por meio de conceitos, fica mais visível identificar o envolvimento da fenomenologia por meio desses. Sendo assim, a nossa meta final é explorá-los em uma abordagem cultural impulsionada pela fenomenologia.

### *Fenomenologia e conceitos geográficos: espaço, lugar e paisagem*

De acordo com Sposito (2004), os conceitos e as ideias fazem parte da elaboração teórica do conhecimento científico em Geografia. Segundo Souza (2012, p. 9) "podemos entender os conceitos como 'tijolos'; a teoria como sendo os 'tijolos' com 'argamassa', já assentados, formando um todo coerente; e o método como sendo a maneira de 'assentar os tijolos', 'levantar as paredes' etc., sem agredir a realidade". Dessa forma, o método contribui tanto na formulação de conceitos como na organização de uma teoria. Para fecharmos a discussão sobre Geografia e fenomenologia vislumbramos fazer uma breve conexão entre ambas na construção de conceitos geográficos.

Os conceitos a serem apresentados são os mais próximos da abordagem fenomenológica na Geografia o que não exclui outros conceitos aqui não apresentados, como o território, região, natureza e sociedade. Os conceitos discutidos estão envolvidos direta ou indiretamente com a abordagem fenomenológica, o que não exclui a influências de outras filosofias para sua elaboração. Recorremos, para tal análise, as perspectivas da Geografia Humanista e da Geografia Cultural.

Na fenomenologia a noção de espaço transcende e muito o espaço positivista e o espaço geométrico. Para Christofletti (1982) o espaço nesse viés, é um contexto, mencionado como se tivesse uma espessura em sua estrutura, que é algo que está em oposição aos pontos adimensionais do espaço mensurável. "A espessura do espaço é vista na concepção do 'aqui', que é um sistema de relações com outros lugares, semelhante à espessura dos conceitos temporais, tais como 'agora', que envolve aspectos do passado, presente e futuro" (p. 22).

Relph (1976) em uma abordagem fenomenológica indaga que o espaço geográfico não é uniforme e homogêneo, mas um espaço que possui sua própria identidade, ele possui o seu próprio nome, é abertamente experienciado como algo que pode ser substancial, reconfortante ou ameaçador. "It is the space of earth and rock, water and air, the built space of towns and villages, or landscapes expressing entire complexes of human intentions" (RELPH, 1976, p. 5).

Em um sentido semelhante, Buttimer (1982) concorda com Schag (1969), para qual acredita que o espaço "é um conjunto contínuo dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca um significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas" (SCHAG, 1969, P. 55 apud BUTTIMER, 1982, p. 174).

Há várias definições e explicações sobre o lugar, mesmo em uma abordagem cultural. Segundo Relph (1976, p. 5) "place has often been identified implicitly as the essential feature of the

phenomenological foundations of geography ". Esse mesmo autor (1976) acredita que diante da sua análise entre espaço, paisagem e lugar, este último talvez seja o mais fundamental dos três, pois focaliza o espaço e a paisagem em torno das intenções e experiências humanas. De acordo com Seamon (2009, s. p) o lugar é "a fusion of human and natural order and any significance spatial center of a person or group's lived experience ". Resumidamente, podemos colocá-lo como "qualquer localidade que tem significado para uma pessoa ou grupo de pessoas" (TUAN, 2011, p. 8).

Relph (2012) identifica alguns aspectos ou temas que são recorrentes nas discussões recentes a respeito desse conceito. Entre eles a capacidade do lugar reunir qualidades, experiências e significados, ou seja, o lugar como reunião; O lugar possui uma forma, uma aparência, o que o leva o autor a chamar esses atribuiu de fisionomia do lugar; Ele também engloba aspectos subjetivos como a identidade, o que permite reconhece o espírito de lugar; De tal modo, as pessoas possuem capacidade de apreciar e apreender as qualidades desses locais, desenvolvendo um sentido de lugar; A ideia de lugar remete-nos, igualmente, a noção de raízes, enraizamento, interioridade e Lar; No sentido oposto, deve-se destacar a noção do lugar-sem-lugariedade, aquele que para algumas pessoas remete a falta de identidade por sua forma; O mesmo pode ser um entroncamento, um nó de redes nacionais e internacionais, pode incluir como excluir; Os arquitetos podem construir locais para se tornarem lugares, mas a verdadeira construção só acontece por quem vive e trabalha neles; O mesmo pode ser utilizado em seu sentido caricato, manifestando uma visão preconceituosa, sendo utilizado em seu sentido contaminado.

Espaço e lugar são conceitos inseparáveis. Para Tuan (2013, p. 14) "o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor", ou melhor, "o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado" (p. 167). O lugar não é dado, é construído e experienciado à medida que o conhecemos melhor e temos plano para/com ele. A subjetividade povoa os espaços e ajuda os homens a os habitarem, recriando-os e ressignificando-os, dando uma nova definição, construindo lugares.

Apesar de serem inseparáveis, espaço e lugar, para alguns geógrafos humanistas, são conceitos antagônicos. "[...] Os espaços dos homens guardam mistérios, dores e desesperanças. Os lugares, o aconchego, o trabalho, as festas, os atritos e as recordações" (MELLO, 2011, p. 8). À medida que o espaço se mantém aberto e livre, o lugar se mantém fechado e seguro. Estar aberto significa liberdade, mas também aventura, luz, domínio público, sugere futuro e convida à ação, entretanto estar aberto pode ser uma ameaça uma vez que se encontra exposto e vulnerável. O espaço aberto está na espera de ser organizado, é um caminho para trilha-se, os objetos estão dispostos de maneira que ainda não remetem significado para quem o deseja explorar (TUAN, 2012, 2013). O lugar é por excelência um espaço humanizado, organizado, e ao contrário do espaço, um centro calmo de valores estabelecidos (TUAN, 2012, 2013).

Tratando da paisagem, Claval (2012), lembra-nos que o impacto das filosofias fenomenológicas influenciou expressivamente na reformulação desse conceito, visto que para essa filosofia, o mundo que as pessoas percebem nunca é objetivamente dado. "É preciso um esforço para retornar às sensações e desconstruir aquilo que nossa educação nos ensinou; então, e só então, é possível, por meio de uma

descrição crítica e minuciosa das sensações, compreender as coisas como elas são e penetrar na sua verdadeira natureza" (p. 162-163).

Segundo Berque (2012) a paisagem é uma marca e matriz. Marca visto que a mesma expressa uma civilização, pode ser descrita e inventariada, matriz, pois "participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação - ou seja, da cultura - que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza" (p. 240)

Berque (2012) complementa que:

É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política etc.; e, por outro, ela é matriz, ou seja, determina, em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política etc (BERQUE, 2012, p. 240).

Fazendo uma síntese, Berque (2012) levanta duas características que norteiam o conceito de paisagem, em primeira instância a paisagem seria plurimodal (passiva-ativa-potencial...) como também seria o sujeito para o qual a paisagem existe. Esses dois, paisagem e sujeito seriam cointegrados em um conjunto unitário, que se autoproduz, autorreproduz e, portanto, se transforma pelo jogo desses diversos modos.

Cosgrove (2012, p. 224) ressalta que a "paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda". Esse geógrafo acredita que as paisagens de nossa vida cotidiana estão repletas de significados, e muitas vezes, as retomadas do significado em nossas paisagens compartilhadas dizem muito sobre nós mesmos. Em termos práticos, o autor (1985) define a paisagem como uma maneira de ver uma composição e estruturação do mundo de forma que possa ser aprendido por uma pessoa ou grupos dessas.

Esse conceito ainda é visto como uma forma simbólica impregnada de valores (CORRÊA, 2011) e como um texto e um contexto, uma vez que os geógrafos almejam passar alguma mensagem quando organizam um espaço ou o constroem (CLAVAL, 2012). Assim sendo, observamos uma forte parceria entre Geografia e Fenomenologia na construção de conceitos geográficos, que se manifestam, principalmente, no horizonte humanista ou abordagem cultural. Esse laço vem se mostrando fértil para novas formulações e aprofundamentos em um futuro que permanece cheio de possibilidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta revisão de literatura demonstrou que a fenomenologia vem contribuindo com a geografia ao propor uma ruptura com as "verdades" das ciências modernas, ao valorizar o mundo da vida e ao abrir espaço para uma gama de estudos que consideram as intenções humanas. Contribuindo, como proposto por Marandola Jr. (2013), para uma geografia que permite compreender o mundo contemporâneo, bem como suas angústias, crises, desejos e transformações.

O passeio por algumas noções básicas como atitude fenomenológica, atitude natural, intuição eidética, intencionalidade, intersubjetividade, mundo-da-vida (*Lebenswelt*) e *dwelling* possibilita uma maior sinalização para aqueles que deslumbrar usar esse arcabouço filosófico em suas pesquisas e reflexões. Assim como o conhecimento das três estruturas lógicas mais utilizadas pelos fenomenologistas (as partes e o todo, as identidades na multiplicidade e as ausências e as presenças) e das características-chaves do método fenomenológico com um empirismo radical. A adoção de uma forma específica de pesquisa fenomenológica permite o pesquisador criar uma identidade com essa filosofia. A perspectiva pode mudar, igualmente, conforme o estudo desejado e uma melhor adequação ao fenômeno.

Conforme exposto, a maneira que a fenomenologia se encontra inicialmente na Geografia é um tanto complexa como confusa. Vários autores tentaram aproximação, embora sem muito sucesso. A abordagem humanista e a abordagem cultural são as pioneiras em desbravar na Geografia uma visão fenomenológica. Além de serem responsáveis, em especial essa primeira, por uma abordagem mais transparente e sistemática do método na atualidade no Brasil e pelo desenvolvimento de uma pós-fenomenologia em nível mundial. No Brasil o projeto de uma geografia fenomenológica se mostra forte graças aos esforços recentes da reunião de vários grupos de pesquisadores em relação ao tema.

Mesmo a fenomenologia não sendo um método claramente anunciado em Geografia, tentamos explorar alguns conceitos geográficos e suas pegadas fenomenológicas. Assim, fica evidente que a fenomenologia está muito mais presente nas pesquisas geográficas do que muitos acreditam, o lugar pode ser considerado o conceito mais explorado e o que mais veste essa filosofia. A paisagem se renova por completo e ganha fôlego nos estudos culturais. Enquanto escrevemos as últimas palavras desse artigo, a relação entre geografia e fenomenologia parece se tornar mais consistente e com um futuro de múltiplas possibilidades.

## REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, O. B. O contexto teórico do desenvolvimento dos estudos humanísticos e perceptivos na Geografia. In: AMORIM FILHO, Oswaldo B. (Org.). **Percepção Ambiental: contexto teórico e aplicações ao tema urbano.** Belo Horizonte: Instituto de Geociências da UFMG, p. 9-20, 1987.

\_\_\_\_\_. A Evolução do Pensamento Geográfico e a Fenomenologia. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 11, n.21-22, p. 67-87, 1999.

BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1).** Rio de Janeiro: Eduerj, p. 239-244, 2012.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Difel, p. 165-193, 1982.

CLAVAL, P. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny

- (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia** (1). Rio de Janeiro: Eduerj, p. 245-276, 2012.
- CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas dos estudos geográficos. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 11-36, 1982.
- CORRÊA, R. L. Denis Cosgrove – a paisagem e as imagens. **Espaço e Cultura**, UERJ, n.29, p. 7-21, jan./jun. 2011.
- COSGROVE, Denis. Perspective and the evolution of the landscape idea. **Transactions of the Institute of British Geographers**, News Series, v. 10, n. 01, p. 45-62, 1985.
- \_\_\_\_\_. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia** (1). Rio de Janeiro: Eduerj, p. 219-237, 2012.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**; tradução Werther Holzer. – São Paulo: Perspectiva, 2011, 113 p.
- DE PAULA, F. C. **Constituições do habitar: reassentamento do Jd. São Marcos ao Jd. Real**. 2010, 129 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Pós-graduação em Geografia análise ambiental e dinâmica territorial, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2010.
- ENTRIKIN, J. N. Contemporary Humanism in Geography. **Annals of the association of American Geographers**, v. 66, n. 4, p. 615-632, dec. 1976.
- \_\_\_\_\_. O humanismo contemporâneo em Geografia. **Boletim Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 10, n. 19, p. 5-30, 1980.
- GOTO, T. Akira. Fenomenologia, mundo-da-vida e crise das ciências: a necessidade de um geografia fenomenológica. **Geograficidade**, v. 3, n. 2, p. 33-48, inverno 2013.
- HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar [Bauen, Wohnen, Denken] (1951). Conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. In: **Vorträge und Aufsätze**, G. Neske: Pfullingen, 1954.
- \_\_\_\_\_. **Ser e Tempo** - parte 1. Petrópolis: Ed Vozes, 1986.
- HOLZER, W. **A Geografia Humanista – sua Trajetória de 1950- 1990**. 1992, 550 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.
- \_\_\_\_\_. A geografia humanista anglo-saxônica - de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, n. 55, v. 1, p. 109-146, jan./dez. 1993.
- \_\_\_\_\_. **Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 1998, 257 p. Tese (Doutorado em Ciências: Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_. O método fenomenológico: Humanismo e a construção de uma Nova Geografia. In: ROZENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Temas e caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 37-71, 2010a.
- \_\_\_\_\_. A influência de Eric Dardel na construção da Geografia Humanista norte americana. Encontro dos Geógrafos Brasileiros, 16, Porto Alegre, 2010. **Anais...** São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 2010b.
- \_\_\_\_\_. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**; tradução Werther Holzer. – São Paulo: Perspectiva, p. 141-159, 2011.
- LEFEBVRE, H. **Lógica Formal, Lógica Dialética**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1991.
- LOWENTHAL, D. Geografia, Experiência e Imaginação. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 103-142, 1982.
- MARANDOLA JR., E. **"Londrinhas" invisíveis: percorrendo cidade imaginárias**. 2003, 254 f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade Estadual de Londrina, 2003.
- \_\_\_\_\_. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos

geográficos de existência. **Geografia**, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan./abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, Niterói, RJ, v. 3, n. 2, p. 49-69, Inverno 2013.

MELLO, J. B. F. **O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira – 1928/1991 – uma introdução à geografia humanística**. 1991, 328 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_. **Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade – o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos**. 2000, 224 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

\_\_\_\_\_. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. **Geograficidade**, v. 01, n. 01, p. 4-15, Inverno 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, 662 p.

NOGUÉ I FONT, J. Un mètode de treball humanista. **Documents d'Anàlisi Geogràfica**, 6, p. 67-80, 1985.

\_\_\_\_\_. Otros mundos, otras geografías. Los paisajes residuales. Revista da Pós-graduação em Geografia - ANPEGE, v. 7, n. esp., 2011.

PICKLES, J. **Phenomenology, science and geography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985, 202 p. (p. 41-45). Traduzido por Oswaldo Bueno Amorim Filho. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Tratamento de Informação Espacial, p. 1-3, 1987.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion, 1976.

\_\_\_\_\_. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, v.4, n.7, p.1-25, abr. 1979.

SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROZENDAHL, Zeny (orgs.). **Geografia Cultural: uma antologia (1)**. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 181-218, 2012.

SEAMON, D. The Life of the Place: A Phenomenological Commentary On Bill Hillier's Theory of Space Syntax. In: Nordisk Arkitekturforskning, n. 7, v. 1, p. 33-48, 1994. Disponível: <[www.arch.ksu.edu/seamon/hillier93.htm](http://www.arch.ksu.edu/seamon/hillier93.htm)>. Acesso em: 04 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. A Way of Seeing People and Place: Phenomenology in Environment-Behavior Research. In: WAPNER, S e et al (eds.). **Theoretical Perspectives in Environment-Behavior Research**. New York: Plenum, p. 157-178, 2000.

\_\_\_\_\_. A lived hermetic of people and place: phenomenology and space syntax. In: Internacional Space Syntax Symposium, 6, Istambul, Turquia, 2007. Anais... Istambul: İstanbul Teknik Üniversitesi, 2007. Disponível: <[www.spacesyntaxistanbul.itu.edu.tr/papers/invitedpapers/david\\_seamon.pdf](http://www.spacesyntaxistanbul.itu.edu.tr/papers/invitedpapers/david_seamon.pdf)>. Acesso em: 05 jul. 2015.

\_\_\_\_\_. Existentialism/existential geography. In: KITCHEN, R.; THRIFT, N. (Eds.). **The International Encyclopedia of Human Geography**, v. 3, p. 666-671, Oxford: Elsevier, 2009.

SHERTOCK, T. Latin American women's experience of feeling able to move toward and accomplish a meaningful and challenging goal. In: VALLE, R. (Ed.). **Phenomenological inquiry in psychology**. New York: Plenum, P. 157-174, 1998.

SOKOLOWSKI, R. **Introdução à fenomenologia**. Tradução de Alfredo de Oliveira Moraes. São Paulo: Loyola, 2012.

SOUZA, M. L. **Os conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, 320 p.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia**: contribuições para o ensino do pensamento geográfico. Presidente Prudente: Unesp, 2003, 218 p.

TUAN, Y-F. Humanistic geography. **Annals of the Association of American Geographers**, Washington, v. 66, n. 2, p. 266-276, jun. 1976.

\_\_\_\_\_. Geografia Humanística. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectiva da Geografia**. São Paulo: Difel, p. 143-164, 1982.

\_\_\_\_\_. A humanística perspectiva do espaço e do lugar. **Revista Acta Geográfica**, Ano V, n. 9, p. 07-14, jan./jun. 2011.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina, PR: Eduel, 2012, 344 p.

\_\_\_\_\_. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina, PR: Eduel, 2013, 248 p.

VON ECKARTSBERG, R. Introducing existential-phenomenological psychology. In: VALLE, R. (Ed.) **Phenomenological inquiry in psychology**. New York: Plenum, P. 3-20, 1998.